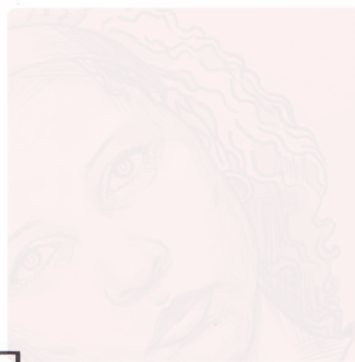


Conferido

23 pp



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas – CCH

Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Memória Social e Documento – MMSD

Metodologia de História Oral

ENTREVISTA COM ARTUR MESSIAS DA SILVEIRA

Data: 07 de dezembro de 2003

Local: residência do depoente, sito à rua Elpídio, 688- Vila Emil / Mesquita

Entrevistadora: Maria Fatima de Souza Silva

Tema: Emancipação de Mesquita

Projeto de Pesquisa: *Das Terras de Mutambó ao Município de Mesquita – RJ: Memórias da Emancipação nas Vozes da Cidade*

Conferência final realizada pela pesquisadora em 15/11/2004

CEDM
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

ENTREVISTA COM ARTUR MESSIAS DA SILVEIRA

(FATIMA) – Boa tarde, Artur... A gente vai iniciar essa conversa com você, é, inicialmente, é, queria pedir pra você colocar um pouco, é, onde você nasceu, né, um pouco dessa parte da sua história... Se você nasceu aqui em Mesquita mesmo ou se você nasceu em outro lugar e veio para cá, né? Se foi isso, como foi, quando você veio morar aqui? Quais foram as razões, um pouco... Em que época, né, e como era um pouco a cidade nessa época ou que você veio para cá ou que você se lembra, né, da sua infância, de sua juventude, né? E aproveitando pra comparar com a cidade que nós temos hoje...

(ARTUR) – É, Fátima... Assim, eu sou, eu nasci no Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro, no Estácio, é, no Hospital lá da Polícia Militar. Meu pai, na época, soldado da PM, e nós morávamos em Oswaldo Cruz. Saí do Estácio e vim para outro berço do samba que é Oswaldo Cruz e fiquei até os quatro anos de idade, é... em frente à Estação de Oswaldo Cruz, numa casa alugada pelo meu pai... E eu tinha um outro irmão. Ah, tinha um irmão na verdade: José, que faleceu 3 anos e depois disso, meus pais começaram a procurar um terreno pra construir uma casa e vieram a Queimados, onde já havia pelo menos dois irmãos de meu pai, e vieram à Mesquita. Minha mãe não gostou de Queimados. Ah, e tô aqui em Mesquita desde então, desde 64, graças a minha mãe que preferiu ficar aqui em Mesquita. E, na época, Mesquita, era um, assim... Eu tinha 4 anos quando vim pra cá, é, e na minha infância toda o que, o que nós chegamos e encontramos, quer dizer... Um pouco depois eu passei a ter uma memória maior disso, condições de registrar melhor, mas mera um, um... tava iniciando o processo de loteamento, já havia algum tempo, pelo menos uns dez anos, dez a quase doze anos que a Ludolf & Ludolf, que era uma firma de material de construção: fabricava tijolos e telhas, tinha encerrado suas atividades e iniciou o processo de, de venda de loteamentos. Meu pai havia comprado esses terrenos, é, comprado e iniciado o processo de pagamento que na época era muito, muito interessante: você pagava uma prestação, prestação fixa sem juros e correção monetária, nunca aumentava durante anos. Então era algo possível pra um soldado da Polícia Militar pagar e foi isso. Agora, aqui, o povoamento foi se dando muito aos poucos, né, então na minha infância, muitos terrenos vazios. A gente utilizava esses terrenos vazios pra brincar. Toda a área da fábrica de Material de Construção Ludolf & Ludolf era uma área que tinha sido

Vinda
P/ Mesquita
↓
1964

escavada, então havia muitas dunas de areia e a gente brincava muito quando crianças nessas dunas. Havia um outro trecho, que era um trecho de mata. Por incrível que pareça não era uma mata, é, é...digamos, mata tropical, nada disso não. Era mato, tinha algumas árvores, mas um local meio ermo, meio fechado, meio difícil de passar, e era bem em frente, praticamente à estação de trem, à principal praça do bairro, que era um bairro que no início ficou conhecido como Parque Ludolf e depois perdeu um pouco esse nome. É, enfim, assim, a grande lembrança que eu tenho desse período da minha infância: com 7, com 8, com 9, com 10 anos, é de morar num local pouco habitado, né? Com pouca, poucas residências, residências que vinham se construindo, e algumas famílias, é, só... Então, quer dizer, na verdade, a gente passou um tempo da nossa presença aqui, é, praticamente conhecendo todo mundo, todas as famílias, né? Algumas ruas tinham um número maior de casas, outras um número menor. E, particularmente na rua em que eu moro, que é a rua Elpídio, é, o processo mesmo de, de construção de casas (e hoje, praticamente não tem terreno vazio), se deu, talvez aí, já, eu tando morando aqui já há 10 anos ou mais. Então, quer dizer, a gente passou um tempo brincando, jogando bola, é, pegando jurubeba, fazia uma série de coisas em terrenos, terrenos... a gente não sentia falta de praças, não sentia falta de um espaço, é... público, de lazer, nem mesmo de campo de futebol, porque nós tínhamos muitos né, tínhamos os terrenos vazios pra, pra brincar. É... Então é um pouco essa lembrança...E isso ajudou muito, porque a gente tinha uma, um, um... era praticamente uma turma, né? Até tinha uma, uma curiosidade na época, que sem querer a gente reproduzia, que depois eu fiquei conhecendo em literatura, até mesmo por filmes. É uma, uma disputa entre os meninos de uma rua com os meninos de outra rua né? E era uma brincadeira, é, bastante..., em alguns dias, bastante violenta; é que a gente pegava, capturava o menino de uma outra rua, amarrava no poste, submetia ele a humilhações, é, numa boa, né?... Passava algum tipo de pintura, tintura nele, é, enfim... ameaçava chicotear, né, mas, é, nada, é, muito violento, de coisa... Até porque éramos crianças, mas, mas, tinha o aspecto da, do, do espaço... da demarcação de espaço....Então bastava que um menino de uma rua fosse a outra rua e gritasse: ATACAR! Que pronto! Se nós tivéssemos jogando bola, se eles também, parava tudo e iniciava um processo de disputa. Era um negócio complicado, e, e nós, é, da nossa faixa etária, naquela época, se valia muito dos outros mais velhos para "segurar a onda". Eu já fui, um primo meu mais velho foi me liberar, me libertar mesmo no poste (riso) no meio da rua. É, e o fez não na conversa, o fez também, na...

chegou e enfrentou os outros garotos. Mas havia também um certo limite. Tanto é que pai e mãe nunca foram..., meus pais e nenhum outro foi, é, digamos, perturbado por essa brincadeira. Era brincadeira que tinha um limite. A gente não sabia qual, mas havia um limite qualquer que não transformava isso em algo, é, violento ao extremo, né? Numa violência porque pressupunha o aprisionamento de alguém, pressupunha algumas brincadeiras, assim... Então era um pouco assim um clima que a gente vivia, é... Teve um período também influenciado, aí eu acho que foi, os primeiros "Nacional Kid", é, aquela série de Tochilio e que tinha Tochilio, tinha um dinossauro que esqueci o nome, agora..., mas era um "super-herói", acho que japonês também e que vivia numa ilha e que enfrentava, simulando aí uma idéia de um homem primitivo, né, que parou no tempo, que junto com os dinossauros que enfrentava os bandidos dos tempos modernos com armas, com uma série de coisas... Mas ele teria parado no tempo, acho que talvez um sobrevivente de guerra, algumas daquelas histórias japonesas... e a gente tinha um pouco dessas brincadeiras... Então a idéia de atacar ganhou força com essa, esses confrontos que tinha entre, também, atraindo, chegando aí pelos primeiros, é, seriados japoneses, talvez até o Nacional Kid certamente influenciou também. Enfim, é um... era uma região bastante, é, interessante do ponto de vista da possibilidade de você ter uma vida extramuro, fora de casa, muito futebol de rua, muita brincadeira coletiva, queimado, muita brincadeira coletiva... O impressionante é o vigor e muita criança da mesma faixa etária, né, e de outros níveis também... E uma ausência de fatos, assim, é, preocupantes, né? Não se falava em drogas, não se falava em bebida. É, eu acho que sói conheci, é, passei a apreciar algum tipo de bebida alcoólica já bem grande, já bem... acho que mais de 20 anos... porque mesmo nas nossas festas de adolescentes, a gente curtia muito refrigerante mesmo, no máximo era uma cuba libre, um negócio assim... Então havia outra lógica de comportamento de jovem. Então, é assim... e uma outra coisa que acho que isso foi marcante também, é que a gente tinha uma... no bairro era o momento das... do surgimento, da fixação de algumas coisas. Então, por exemplo, eu pude acompanhar minha mãe, é, na Igreja Católica. Era, ora tava em um local, ora tava em outro, até conseguir chegar aonde chegou hoje, que é a Igreja Matriz, que é aqui na praça João Luis Nascimento. Mas ela começou no Campo do Canarinho, num barracão, é, e a gente freqüentava lá. E eu acompanhava minha mãe, eu era garoto, só ia para acompanhar ela mesmo e depois ela foi para a rua Jeremias, ficou lá um tempo e depois foi pra praça. Esse processo da Igreja itinerante acabou também fazendo com que, é, houvesse muito trabalho em

casas, né? E você justamente estimulando a formação e despertando famílias pra fazerem parte da igreja e aí eu, nessa época, passei a conhecer muitas famílias e o bairro melhor a partir dessas visitas que a gente fazia nas casas das pessoas. Eu, acompanhando simplesmente minha mãe, mas já convivendo com outras pessoas que não conviveria certamente se ficasse apenas, é, na convivência da minha rua, mesmo que fosse daquele espaço que a gente tinha pra atuação.

E o que eu me lembre é isso, aqui sempre esteve presente alguns marcos interessantes da arquitetura da antiga fábrica e também nós tínhamos a antiga caixa d'água do lado do colégio, que hoje é o Colégio Brasil, nós tínhamos uma coisa, que, inclusive, me lembro com certo trauma. Havia uma grande cisterna coberta eu diria por uma caixa d'água coberta, quase ao nível da rua, também resquíio da fábrica Ludolf & Ludolf, onde, inclusive, morreu uma pessoa afogada e que eu me lembre era uma pessoa jovem. Isso aconteceu naquela construção onde hoje virou um conjunto de prédios e muitos tijolos e telhas. Na verdade, quando chegamos aqui, já não existia a fábrica, mas vimos muitas coisas dela e que eu me lembre na minha infância era a fábrica de postes da Vila Emil, e essa eu vi funcionando a pleno vapor. Essa fábrica era muito importante, pois produzia postes e vendia para muitos lugares e é aonde é hoje o conjunto habitacional Baronesa de Mesquita. Ali tinha uma fábrica onde algumas pessoas vizinhas trabalhavam lá e eu tive a oportunidade de várias vezes ir lá levar marmitta para essas pessoas e assim pude acompanhar irmãos mais novos e essas pessoas que trabalhavam na fábrica. Eu entrava na fábrica e via o funcionamento dela, era uma fábrica sem muita formalidade, embora fosse uma grande fábrica.

(FATIMA) – Você se lembra da BRASFERRO?

(ARTUR) – A imagem que eu tenho da Brasferro é a imagem de pessoas de azul circulando, com jovens saindo da fábrica. Quando eu era muito criança, eles vinham uniformizados para cá, e enquanto passavam, estávamos jogando bola. A gente sabia que essas pessoas uniformizadas eram da Brasferro. De um outro lado, eu me lembro do barulho da fábrica, pois era um barulho constante de ferro mesmo, que eu ouvia daqui de casa. Depois disso já numa fase em que a fábrica não estava tão ativa e talvez já tivesse uns cento e pouco funcionários ou mesmo abaixo disso, a gente passou a ter uma presença maior. Eu me lembro até da fase dos

anos 80, quando a gente participava de algumas panfletagens em frente da fábrica, apoiando uma chapa de oposição do Sindicato dos Metalúrgicos, e esse foi o contato mais direto que eu tive com os trabalhadores da fábrica. Nas outras vezes, quer dizer, nos outros anos, quando criança e adolescente, o contato se dava mais quando víamos as pessoas, mas nunca tive uma presença na fábrica a não ser pelo fato de ser sócio do Tênis Clube e quando íamos ao Tênis, ficávamos apreciando a fábrica, mas fora isso nunca entrei naquele universo.

(FATIMA) – A fábrica recentemente foi demolida, já estava bem velha, para dar lugar à construção do complexo da Prefeitura. Teve muita discussão na cidade, eu não sei se você acompanhou algumas delas, muitas opiniões, algumas contrárias e muitas se referiam à torre da caixa d'água, à Brasferro, aquela antiga caixa d'água que existia lá. Você se lembra dela?

(ARTUR) – Perfeitamente, ela estava bem próxima da piscina do Tênis e a gente tem uma imagem na memória muito interessante, da caixa d'água, portentosa, grande, bonita. Eu acho que quando a primeira administração de Mesquita falou em construir no espaço da Brasferro uma praça querendo denominar a Praça dos Três poderes e fazer o prédio da Prefeitura, da Câmara e do Fórum da Cidade, jamais passou pela minha cabeça que iriam botar abaixo toda a construção. Eu achei que, de alguma forma, que algumas instalações da empresa pudessem ser aproveitadas, achei, inclusive, que a própria caixa d'água ficaria como símbolo do período importante da história de Mesquita. Que Mesquita chegou a ser, sem dúvida nenhuma, uma cidade industrial com conjunto grande de fábricas que empregaram ou absorveram uma parte significativa da mão de obra de Mesquita, que contribuiu para a fixação aqui, até mesmo do povoamento aqui, além da atração dos terrenos baratos e facilitados à prestação, pelas diversas fábricas em períodos diferentes. Quando você tem a pessoa que trabalhou na Ludolf, e o filho trabalhou na Brasferro, e entender que o filho do filho trabalhou na Pumar, então é um processo de aproveitamento de mão de obra bastante significativa. Claro, não absorvia todo mundo, mas absorvia um pouco, mas jamais passou pela minha cabeça que toda a fábrica vivia abaixo. Eu tinha idéia que o projeto..., acho que é uma certa obsessão por essa construção, e um desrespeito à questão da memória. Por coincidência tenho a ver, estou muito chocado no momento com um outro crime que acho que o prefeito praticou com o patrimônio natural de Mesquita. Foi o corte de pelo menos dez árvores da praça de Edson Passos, uma praça que

tinha um conjunto de árvores raríssimas na nossa realidade e o projeto de urbanização da praça em momento algum contemplou essa parte.

(FATIMA) – Essas árvores já foram cortadas?

(ARTUR) - Todas elas, todas elas, um crime ambiental, e isso revela um pouco desapego a aspectos da história da cidade e até patrimônio da cidade. Difícil crer que quem age dessa forma tenha alguma preocupação com o patrimônio ou mesmo com aquilo que se verificou com determinadas coisas na vida da cidade, e esta história em Mesquita, acho que contempla um pouco essa parte. É uma parte da História da Baixada, que Mesquita tem uma contribuição significativa, Mesquita já teve, colaborou na parte da produção agrícola, foi pólo plantador de laranja. Por exemplo, aqui tinha laranjais, um monte e colaborou na parte quando a Baixada se desenvolve em algumas áreas, na área industrial, principalmente em função da Estrada de Ferro, segunda metade do século XIX, se construindo na mesma época da empresa Ludolf & Ludolf, a fábrica de telhas e tijolos, enfim, então o que tenho assim na memória da Brasferro é tudo isso.

(FATIMA) – Artur, é, acho que depois de conversar sobre essa parte da história de Mesquita, de que, como ela era antigamente, da época que você era menino, eu queria que você contasse um pouco se você participou ou participa de algum movimento social na cidade e época dessa participação e o hoje, como te seja movimento associativo, seja movimento político, seja movimento cultural, seja movimento religioso, quaisquer destes movimentos e se você pudesse descrever também que motivos levaram você a participar desses movimentos ou desse movimento, tanto em épocas anteriores como na atual?

(ARTUR) - Queria que certos aspectos a gente, eu e um grupo de jovens somos de uma, tivemos em um momento bastante significativo nas nossas vidas, porque no final dos anos 70, há a realização pela Igreja Católica de uma conferência, uma conferência dos bispos latino americanos. Em 77, chega aqui em Mesquita o padre Valdir de Oliveira e já tinha a matriz Nossa Senhora das Graças e por ser a sua primeira igreja, logo depois de ser ordenado padre, o Valdir, o Valdir prioriza muito a atuação com os jovens e faz de uma forma, não apenas de sua própria paróquia, igreja, mas buscando atrair jovens católicos, cristãos de vários lugares. E

nós fomos chamados, o grupo jovem da paróquia São José Operário, para participar de uma semana de convivência que aconteceu no mês 10 de janeiro, todos os dias à noite. E o tema justamente é a discussão da juventude e o encontro da (.....) dos Bispos, mas ele disse amarrar um documento para entregar ao D. Adriano que ele iria entregar e D. Adriano que iria viajar para o México para participar de uma conferência. E lá nós tivemos mais contatos com pessoas que vieram falar sobre a realidade da juventude e também da realidade social política do Brasil, e isso marcou muito nosso grupo, outras pessoas, e a partir daí, a gente começou a participar sempre dessa semana e até em outros momentos e também a nossa própria formação. Eu já tinha conhecido o ginásio, tinha iniciado segundo grau e tinha contato maior com os educadores e que estávamos no período da ditadura militar. Eles tiveram uma importância na reflexão sobre a nossa, sobre a gente, muito interessante sob o ponto de vista da conscientização de chamar a gente fazer reflexão sobre a realidade brasileira. Mas o que marcou assim de uma forma muito interessante, foi uma inquietação dentro do grupo jovem da praça São José Operário, de que nós precisamos fazer alguma coisa, voltada para a comunidade e teve um momento, nós apenas organizamos missas, nós íamos, ajudávamos algumas festas, participávamos do Conselho Paroquial, tínhamos uma atração junto ao grupo de catequese, o grupo de crisma, mas não tínhamos uma ação na sociedade, no bairro, na comunidade enquanto grupo, até que ao sair de uma missa, um morador, Seu João, ele chegou para mim e contou uma história que estava acontecendo na área pública do bairro e eu sempre achei que fosse pública, que era a área do Canarinho, um campo de futebol chamado Canarinho e Seu João falou que estavam dizendo que iam mudar a área para construir ali, passaria a ser de um Clube de Futebol, Mesquita Futebol Clube, e aquilo, nós, não, aquilo eu fiquei extremamente perplexo, com essas informações que ele passou e estava bastante perplexo e me passou nesse tom. E aí naquela mesma tarde nós tínhamos uma reunião do grupo jovem e eu levei a discussão para dentro da reunião e fizemos uma discussão em grupo e tiramos ter uma participação política, comunitária acerca dessa questão, e começamos um trabalho de mobilização da Igreja para fazer frente a isso, como é que nós poderíamos mobilizar a comunidade para ficar contra o clube? Foi uma coisa que acabou dando desdobramento, nós passamos a participar da Associação de moradores, uma vez que Associação de Moradores já tinha praticamente dado como vencida a disputa com o clube, né, tipo assim, achando que não tinha como fazer mesmo, que já havia sido formalizado uma

permuta pela prefeitura com o clube, né, que a comunidade aqui perdeu a área e o município ganhou uma escola em Comendador Soares que fica 10 Km daqui, quase 10 km. Na verdade, a comunidade de Mesquita perdeu uma área importante de 22 mil metros quadrados e não ganhou nada, e hoje a área é subaproveitada, está lá um estádio incompleto. Foi uma perda comunitária muito grande para a região de Mesquita, mas a gente teve com essa atuação, e (.....) para uma disputa pela Associação de Moradores, ganhamos uma chapa contra aqueles que já estavam lá, eu fui candidato à presidente, a chapa era bastante jovem, muitos jovens do grupo e outros moradores do bairro mais antigos, todos de Vila Emil, todos daqui e nenhum momento nós já éramos um grupo bastante orgânico. Além do grupo jovem do grupo da igreja, nós tivemos uma experiência, é, experiência muito marcante na nossa vida em dado momento, foi ter constituído, criar a Biblioteca comunitária; a criação da biblioteca comunitária foi uma decisão tomada num processo, mas teve um momento, um dia (.....), nós tomamos a decisão de criar a biblioteca como uma ação para fora da igreja, nós iríamos fazer a biblioteca dentro da igreja, mas aberta a comunidade, o padre concordou com essa proposta e o grupo fez isso e criamos a Biblioteca Comunitária Oscar Romero. Isso foi em 82/83. A decisão de criar a biblioteca, e também nessa época nós entramos para a direção da Associação de Moradores, então foi um grupo de trabalho comunitário e também nas ações da igreja, também com a participação comunitária. Nosso grupo passou a ser grupo constante, atuante na região e neste período também a gente tem aqui em Mesquita o fortalecimento da Regional V do MAB, ocorre, é, o surgimento de várias associações de moradores e a gente por força também da participação da direção da AMPLA, que era a associação do Parque Ludolf e adjacências, a gente passa integrar o Regional V do MAB e passa a ter uma relação com o conjunto de associações de moradores de Mesquita, então na verdade, foi um "boom" de acontecimentos, e o processo acelerado de amadurecimento, a gente pode dizer também isso, assim que jogar mais um tempero. Nesse momento, que foi em 82, nossa participação foi mais ativa na primeira eleição do PT, a gente apoiou, talvez, um dos grupos, mas, mas como grupo mesmo, a tentativa do Ricardo Bernardes, que era, morava no bairro, tinha relações conosco, então foi esse conjunto de fatores mais ou menos coincidentes, mais ou menos na mesma época, alguns no final e no início dos anos 80 até 85, digamos assim, a gente viveu muitas emoções, muitos acontecimentos que marcaram as nossas vidas daí em diante. Então eu parto, minha origem,, minha origem do grupo religioso da igreja, tive a chance de final de década de 70, a partir de 77

de ter esse despertar para as que, as questões sociais, tivemos também essa relação com com..., ajudado por essa reflexão (.....)de educação com a realidade brasileira, com os problemas da ditadura e os anos 80. A gente passou a não apenas fazer reflexões, mas entrou com a mão na massa e foi o processo de entrar para a Associação, criar a biblioteca, ajudar,, entrar para o partido político, então foi um conjunto de coisas que propiciou, não apenas comigo, mas com outros jovens que viviam o mesmo período, estavam no mesmo grupo.

(FATIMA) – Você também disse que culminaram com a entrada na participação em partidos políticos. Como foi essa sua participação?

(ARTUR) - A gente nunca teve, assim, vontade muito explícita, de ter participação direta., Costumo dizer, que até 88, a nossa presença no PT, embora fosse constante, ela não era uma presença marcante, do ponto de vista da ocupação de espaço, não tinha essa pretensão. Eu fui a todas as convenções partidárias, participei de todos os encontros, depois de um tempo passei a participar também dos encontros do diretório e participava no núcleo daqui e da zonal em Mesquita, tivemos um núcleo Mesquita deste e depois tivemos zonais em Mesquita. Quando Nova Iguaçu se dividiu em zonais, então a gente tinha uma atuação marcante aqui, éramos vistos como PT dentro da igreja, lá no bairro, em tudo que é canto. Nunca foi uma participação de disputa mais orgânica ou de presença mais orgânica no PT no sentido maior, até que um dia a gente foi convidado por um grupo de pessoas ligadas à comunidade da Igreja Católica, chamada comunidade de base, e o padre Geraldo e o padre Valdir de Oliveira, Jacinto e um grupo de leigos que assumia postos puramente pastorais, que, em algumas igrejas e a comunidade da Diocese, e essa reunião foi na Igreja São José Operário, no salão da Igreja São José Operário, convocados por eles, com a presença do grupo da biblioteca, a gente era visto assim, grupo da biblioteca. Isso foi em 87, final de 87, e lá foi feito o pedido para que nós aceitássemos indicar um nome para concorrer a vereador, e isso, no primeiro momento pareceu ser uma coisa, não uma brincadeira, mas uma coisa muito distante da gente, a gente não aceitou, mas eles insistiram e já naquela reunião já se falava no meu nome, não exclusivamente, mas havia uma certa tendência a querer colocar um nome, eles pediram um nome da biblioteca, chegaram com essa fala, mas alguns externaram que poderia ser eu, ser a Cássia, poderia ser Luis Menezes, mas enfim e nós declinamos, não aceitamos e me lembro

até hoje uma expressão que padre Valdir falou, ele chamou a gente de egoísta, porque dizia que a gente seria um conjunto de potencialidade, tínhamos lastros comunitários, lastros sociais, tínhamos compromissos da ação pastoral, tínhamos a formação universitária, inclusive, mas não, não nos dispúnhamos a colocar um nome para concorrer a vereador pelo PT, Partido dos Trabalhadores. E ficou nisso, e acabou assim, nós sendo duramente criticados por essa postura, que pegou a gente de surpresa, mas, mesmo que, na verdade, sem ter uma conversa prévia, o grupo todo declinou: Elizana, Luis, Cássia, eu, Marcos, Marquinho, Carlão, Vera, todos declinaram, não aceitávamos, porque não tava no nosso horizonte, a gente não imaginava essa coisa tão assim, tínhamos uma coisa no PT, mas a gente construiu um PT muito nosso, na base tinha uma movimentação com algo maior, assim de forma mais séria, mas tá junto, tá dentro, aí, nós... No entanto, acabou servindo para uma conversa, e, na reunião da biblioteca do grupo jovem, verdade, a gente fez a reflexão sobre essa coisa e até foi proposto que a gente fizesse uma votação, uma votação e houve essa votação e passou por poucos votos e eu me lembro até hoje que eu não votei. Luis Menezes votou contra, algumas pessoas votaram contra, eu me abstive, aí já estava colocado meu nome, dentro de parte do grupo, e, mas passou a gente aceitar, e a gente depois comunicou na outra reunião que os padres marcaram, e a partir daí a gente passou a ter uma atuação partidária mais específica. E também concorremos em 88 a vereador, eu acho que nunca a gente vai viver aquilo de novo, a forma participativa em que se dava, eu só tenho exemplo assim, loucos..., tão bons que aconteceram naquela campanha, a gente fez a campanha praticamente sem precisar de recursos, muita doação de pessoas do tipo do trabalho, dos almoços comunitários, das festas que a gente fazia nas comunidades das igrejas, nas reuniões nas casas, o vídeo que a gente passava, um negócio impressionante,, impressionante todo o processo. E o resultado foi a boa votação, ficamos na primeira suplência e o PT pela primeira vez, naquele ano, elegeu vereador em Nova Iguaçu. Elegeu Rose de Souza e Moacir de Carvalho e eu para a primeira suplência, então foi isso verdade (.....) do partido, se deu por conta desta cobrança e aí vai um alerta interessante que ajudou muito e até um dia desses estava lembrando comigo disso na campanha de 86. Aconteceu um fato curioso, o que, quando Ernani Coelho foi eleito em 86, a, que várias pessoas apoiaram o Ernani em Mesquita. Eu apoiei na época o Ismael, Ismael Lopes a deputado. Mas o Ernani foi eleito e nós fizemos uma reunião na igreja N. S. das Graças, logo depois das eleições, semanas depois do resultado conhecido da apuração, com o padre Jacinto que era ligado aqui e sentamos os

jovens todos lá, aqueles que tinham mais movimentação com o processo eleitoral, com o PT, muitos e aí o Jacinto, num dado momento de conversa, conversa informal, não era uma reunião propriamente dita, uma conversa dentro (.....) nosso relaxamento, depois do processo eleitoral; aí o Jacinto falou – “Bem, vocês estão vibrando, vocês elegeram, o PT cresceu, mas e agora, o que vocês vão fazer, ou, que compromisso a mais vocês vão assumir a partir das experiências que vocês estão vivendo?” -. Aquilo tocou ou para mim ou para outras pessoas.. Então, eu acho que a gente passou a olhar de outra forma, menos entusiasmo com aquele negócio de empolgação e mais no sentido de fazer que o PT passasse a ter uma importância estratégica em nossa vida e isso acabou se materializando em nossa vida, mesmo a partir de 88, quando a gente (.....) o processo eleitoral.

(FATIMA) – Artur, eu queria que agora você falasse um pouco da sua experiência da participação no processo de emancipação de Mesquita, como é que você soube desse processo? Quais foram os motivos que fizeram você a participar, a observar, em que época isso aconteceu, e qual foi a sua forma de participação e, a forma, você pode falar em diferentes momentos, antes, no início, hoje. Se foi uma participação ativa ou participação de observação, enfim, como é que você se envolveu nesse processo? Então eu quero um pouco disso, uma descrição, a forma de como você viu, de que maneira você envolveu e se colocou nesse processo todo?

(ARTUR) – A emancipação pra gente, de alguma forma, ela chega a partir das pessoas mais antigas, mais velhas. Em Mesquita sempre teve um grupo de emancipadores, que nunca deixou de ser reunir, de viver isso, de acalentar esse sonho de alguma forma, tramar isso, e a gente sempre ouvia falar, primeiro a história ocorrida nos anos 50 com o sumiço do processo de emancipação, lá no Palácio do Governo em Niterói. Isso era dito pelos pais, meus pais falavam isso, nossos pais, havia isso, não chamaria de boato, mas sempre que o assunto emancipação vem à tona, de alguma forma essa história também vem à tona.

(FATIMA) – Você lembra um pouco essa história, como os seus pais contavam?

Memórias sub-
terrâneas
1950

(colocar teoria) memórias subterrâneas

O sumiu
do processo
13

(ARTUR) – A história, me parece que o processo, quando todo processo de emancipação, ele chega, o momento de voto pelos deputados e esse processo constituído, já pronto com as informações anexadas, todas as exigências do processo já concluídas, precisava do voto, isso submetido o voto no plenário pelos deputados e simplesmente ele sumiu, a peça material passou a não mais constar lá nos anais da casa, digamos assim, nos anais não, não constava das estantes da casa, lá, e com isso ele não pode ser votado. Parece uma coisa esquisita,, provável, mas simplesmente curioso, que a peça material não existia. Se ia votar em cima de quê? Da vontade? Tem que ter o processo e na época já se atribuía na época, não, sempre ouvia essa história do desaparecimento, do sumiço. Seria o então deputado José Montes Paixão, era isso, era voz corrente, todo mundo falava isso, que ele sumiu com o processo de emancipação, isso em 57. Se não fosse a minha memória, porque Mesquita teria um processo de emancipação, acho que nós..., São João e Nilópolis tinham esquentando os motores, e tudo indicava que seria a emancipação de Mesquita naquela época mais provável e isso não interessava. Não sei porque razão, dizem assim, dizem que o Paixão teria feito isso porque não queria perder a titularidade do cartório, e, responsável pelos registros dos imóveis em Mesquita, acho que o (.....) ofício depois passou a ser da ex-mulher dele, dos Paixão, na herança, uma herança não, no divórcio ela teria ficado com o cartório, então dizem isso, diziam isso, que ele ficou contra, era contra o processo, porque não queria correr o risco de ter outro titular de cartório. Que havia o Jesus Baezo aqui e a sede do cartório dos Paixão era em Nova Iguaçu,, cidade de Nova Iguaçu e a sede do cartório do Jesus Baezo que não cuidava da parte de registro de imóveis era aqui. À época, a história, o caso, em que junto com essa história, tantas outras, tem esses fatores que sempre circulavam, sempre você encontrava pessoas que, no movimento associativo, alguns deles circulavam, nós temos, por exemplo, o Seu Milton da Associação de Moradores de São Lucas, Regner Trindade, da Associação de Moradores do Centro, SAMES – Sociedade dos Amigos de Mesquita que pegava os bairros do Centro, enfim, que sempre diziam isso, diziam, falavam de emancipação, diziam de emancipação.

Teve um momento em que o movimento comunitário de Mesquita, Regional V do MAB, acabou virando um grande espaço de discurso de emancipação, então eu passei a participar do processo de emancipação pelo movimento comunitário, que foi uma experiência, eu não tenho certeza se a gente foi, após uma tentativa frustrada, que o movimento associativo se organizou, porque não era assim, não havia pelas associações. Não fazia parte, da parte do movimento

déca
da
de
80

associativo, passou a fazer parte, que uma medida em que o Regner Trindade assume e ativa o SAMES, seu Milton que é um oficial do Exército aposentado tido como uma pessoa muito séria e junto com seu Regner, os dois saem feito dois missionários em todo movimento associativo,, inclusive ativando associações, criando associações de moradores para desenvolver uma ação pró-emancipação. Encontrou respaldo político na AMPLA, Nival Magalhães, da AMPLA,, fundador da Ampla em 1964, enfim, em tantas outras pessoas na época e fazem pelo corte do movimento comunitário a discussão da emancipação.

Havia o comitê da emancipação que seria de dois em dois meses, os amigos emancipativos. Mas havia por parte do movimento associativo esta reflexão e esta discussão e foi um pouco dos momentos que as duas, os dois espaços se cruzaram, foi pouco, eu não me lembro de ter participado muitas vezes das reuniões do Comitê, e a razão é simples: na época no movimento associativo, nós não tínhamos uma preocupação de ter uma posição na Associação de Moradores, era tanto, que poderia conviver com pessoas que teria razões de ser favorável à emancipação, como pessoas contrárias à emancipação, então, mas havia uma reflexão querendo ou não. As reuniões das regionais, nos bairros, as associações promoviam debates e convidavam outros. Regner, seu Milton, vinham falar sobre emancipação. Seu Regner tinha uma filha, tem uma filha Marinês, que assumiu muito esse trabalho também, e mais, junto com a participação associativa também tinha o PT, que tinha de ter um posicionamento político, mas sim ou não a decisão é plebiscitária, e no PT, nós fizemos várias discussões aqui em Mesquita e o curioso é isso, os petistas de Mesquita, nós, tivemos uma certa liberdade para discutir este assunto. Em momento algum, esse assunto precisou ser discutido pelo diretório de Nova Iguaçu, ao qual nós estávamos vinculados, porque não éramos município ainda, não, sempre fizemos a discussão de emancipação de Mesquita pela zonal de Mesquita, pelo núcleo Mesquitão, o Mesquita Centro, o Mesquitão que era o núcleo de Mesquita, quando não éramos zonal, e nós organizamos atividades e debates, se vamos ou não aderir ao processo de emancipação, até que o PT fez uma votação interna, uma votação interna. Nós tivemos a maioria nos dois momentos, nos dois plebiscitos o posicionamento foi favorável, o posicionamento foi favorável à emancipação com alguns votos bem claros,, contrários, mas que com as pessoas, inclusive, com compromissos de uma forma nossa de agir aqui, todo mundo se conhecendo e convivendo, a gente, as pessoas que eram contra, acabaram participando dos eventos públicos do PT acerca da emancipação. Agora, nós

Seu Milton e Regner associativos

As reuniões da emancipação
↓
80

assumimos uma campanha, nossa, partidária não, o PT não entrou com processo no Comitê de Emancipação, mas até, participamos de algumas reuniões. Eu, enquanto vereador, participei de reuniões. Outras lideranças do movimento associativo que eram identificados com o PT, também participavam, mas nós não fizemos a opção de integrar o comitê de emancipação, o que deu margem inclusive para achar que o PT era contrário à emancipação, o que não era verdade, o que sempre passou de forma unânime, foi o SIM.

PT
mas
entrou
no
comitê

(FATIMA) – Mas, você podia, assim, contar um pouquinho os motivos que fizeram com que vocês não se integrassem a esse movimento maior de emancipação da cidade?

Por que o PT mas
entrou no
comitê

(ARTUR) – Uma desconfiança muito grande, nós olhávamos para aquelas pessoas e víamos muitos ali com uma ação muito tradicional na política, um conjunto de pessoas que eram nossos adversários, de partidos adversários, então, um pouco talvez por aquele comportamento nosso, de não falsear a questão, de querer sempre identificar quem é quem, separar o joio do trigo, colocar a diferença, demarcar uma diferença. Nós achávamos que aquilo era um espaço extremamente comprometido do ponto de vista da boa política e não se prestava à boa política. Agora, em parte também, contribuía uma certa formalidade, com que o discurso de emancipação era tratado neste espaço, era espaço de mesa, que sentavam as autoridades no nível superior, no nível mais elevado do que a platéia, o plenário, e cabia a fala apenas a estas autoridades, a vereadores que eram convidados, deputados que eram convidados e aos baluartes da situação – os emancipacionistas de primeira hora, então era um processo muito formal. A platéia aplaudia, aplaudia cada fala ou cada discurso mais inflamado, aplaudia, isso se não teve nem depois que o Paixão adere ao processo de emancipação. Então nos anos 90, com a participação do Paixão no processo de emancipação, houve a manutenção desse formato de Comitê, que é um comitê meio formalizado demais e, que, totalmente contrário à nossa cultura política, a nossa cultura política era do círculo, não era da mesa, tirava a mesa no sentido figurado. A gente usava a mesa no sentido figurado, a mesa era um grupo apenas para conduzir a reunião, marcar tempo, ser coordenador, encaminhar as falas, mas não no sentido físico, então eu acho que isso foi um obstáculo para que a gente se somasse a esse processo -, a desconfiança, a formalidade e a questão de demarcar realmente um campo com diferença. Houve um elemento também, que nós entendíamos que o processo de emancipação estava

muito, era muito de passar ele como algo, verdade absoluta. Mas nós queríamos fazer uma discussão da viabilidade de Mesquita, esse foi um corte do PT. Todo o nosso material enquanto produzido, a gente sempre colocava essa questão, inclusive, nas discussões internas do PT, o companheiro que apresentava-se como contrário não tinha, não era rechaçado por ninguém, porque havia dúvida: Mesquita tem condições de virar município ou não tem?

(FATIMA) – Entre vocês mesmos também?

(ARTUR) – Entre nós mesmos, nós nunca trabalhamos com uma convicção fundamentalista, como acontecia com o Comitê, inclusive, a produção do comitê, algumas cartilhas, alguns materiais que o comitê de emancipação fez, eram extremamente mentirosos, do ponto de vista dos números, das informações, passava a idéia ou quando não mentirosas, passavam informações que não eram relevantes, para testar, para comprovar viabilidade da cidade, do município de Mesquita. Eu diria, por exemplo, uma cartilha que ficou famosa quando eles fazem questão de frisar, Mesquita tem não sei quantas padarias, tem não sei quantos bares, não sei quantos..., eram elementos assim, Mesquita vai ter arrecadação de tanto, e aí colocavam números altíssimos sem nenhum parâmetro. Lá em Mesquita vai ter, não sei, enfim, mas aqueles números podem ser facilmente desmistificados e que não eram, não se podia acreditar naquilo, qualquer pessoa de bom senso com um mínimo de informação via que aquilo não se sustentava. Então a gente achou que aquela turma tava indo por um caminho meio, quem não tá comigo, tão contra mim. Então, por essas razões todas, desconfiança, dessa forma absolutista de pensar a emancipação, enfim, tudo isso fez que o PT não aderisse em momento algum ao Comitê. Nós não participamos do Comitê, fizemos a campanha de emancipação sim,, inclusive, criamos um slogan, slogan do PT: “Emancipação sem povo não cria nada de novo”, e fomos para rua, na época, em 86, tínhamos a campanha da constituinte que dizia justamente isso: “A constituinte sem povo não cria nada de novo”. Nós fizemos uma transformação para o processo de emancipação, aqui fizemos cartilhas mesmo, gibizinho com ilustração.

(FATIMA) – Que época foi isso mais ou menos?

Concepções fundamentalista do Comitê?

80
A participação do
PT no movimento

17

(ARTUR) – Acho que foi princípio de 87, nós temos, inclusive, acho que deve ter, a gente, aproveitamos esses momentos para também, para o PT estar nas ruas, a gente fazia atividade de rua na emancipação, só que nossas atividades não tinham fogos, nossas atividades não tinham nenhum super aparato, é, atividades nas praças com as crianças, com as pessoas com pipa, tem uma que a gente faz uma pipa enorme, de mais de dois metros de altura, empinamos a pipa no viaduto de Mesquita com o símbolo do PT e era assim uma campanha de emancipação que nós estávamos fazendo. Então, a forma de nós fazermos a campanha é uma forma de dialogar com a população e dizer: “Olha somos favoráveis à emancipação e queremos discutir a cidade”. Discutir, inclusive, particularmente superei o processo de dúvida minha com uma coisa que eu acreditava piamente, que é o seguinte: nós grudados em Nova Iguaçu temos uma realidade, a gente separa de Nova Iguaçu, vamos, independente do governo, avançar em termos de quantidade de escolas, quantidade de postos de saúde, número de ruas calçadas, uma série de coisas, independente. Se o governo vai ser bom ou ruim, isto vai acontecer,, porque nós acrescentávamos, era preciso que o governo seja um governo bom, a escola tenha qualidade, educação tenha qualidade, a oferta de serviços de saúde tenha proposta de saúde pública. Enfim, então, nossa questão era não apenas aumentar o número de vagas na escola, só dizer, é preciso também garantir a qualidade de ensino, era a certeza, me tranqüilizei, passei a ser um emancipacionista mais tranqüilo, eu também tinha dúvida em dado momento, aliás o primeiro plebiscito não passou, não passou, 18%, não deu quorum. Isto significa que a dúvida era bastante grande para a população e mesmo que 97, que aprova a emancipação, 95 não é, que viabiliza a emancipação, consegue uma margem pequena acima do quorum, que revela que grande parte das pessoas, quase 50% estava na dúvida ou indiferente ao processo. Sem dúvida nenhuma o plebiscito de 95 foi um plebiscito superior a todos os outros e bastante participativo, coisa mais apoteótica para o processo de emancipação.

(FATIMA) – Você atribuiu essa participação mais ativa de 95 a quê? Você tem alguma idéia desses motivos? Você pensa alguma coisa em relação à mudança?

(ARTUR) – Primeiro, que a gente tava vivendo em período de mudanças, extremamente, muito caóticas, que era o governo Altamir Gomes em Nova Iguaçu. O governo não recolhia o lixo, não recolhia mesmo, negócio assim, montanha de lixo em todos os cantos, um governo realmente,

totalmente desacreditado, que atrasava salários, enfim esse é um outro lado. Começou haver um investimento grande do Paixão no processo de emancipação, que isso implicava em tudo,, implicava em ter uma grande mobilização em campanha de ruas, reuniões em tudo que é canto, muitos fogos, enfim, o movimento de emancipação ganhou uma outra dinâmica, inclusive muitos emancipacionistas da primeira hora, da década de 80, não participaram, ficaram fora por uma razão simples: desconfiados dessa mudança de posição do Paixão, já que eles acusavam o Paixão de ter sumido com o processo e agora é o homem que se dizia que é o emancipador,, que era favorável à emancipação. Na época não era emancipador. Então tinha, então, na verdade tinha isso. Seu Hélio Amaral participou desse processo, ainda era vivo em 95, não participou do movimento de emancipação, se não ele diretamente, estava com problemas de saúde, mas a família. Outras pessoas também não sentiam à vontade de estar, embora se dissesse que o movimento era apartidário e tal, e nós também, o PT também não participou por discordar do Paixão e tal, mas agora, mantivemos o nosso posicionamento favorável à emancipação e fizemos aquilo que cabia ao PT. O nosso trabalho de emancipação não aparecia muito, o nosso trabalho nunca aparecia muito, do ponto de vista massivo, mas sempre fizemos alguma coisa de acordo com as nossas convicções acerca da questão.

(FATIMA) – Você falou, acho que um pouco do processo desde o início, inclusive com a presença dos plebiscitos da década de 80 e de 90. Eu queria que você falasse um pouquinho, agora quais são? Você já falou como era sua posição de dúvida antes e hoje, município emancipado, nós temos quatro anos de emancipação, qual é sua opinião, hoje, a respeito da emancipação e alguma coisa mudou, as coisas se firmaram, como é que é isso em você?

(ARTUR) – Não, totalmente. Mesquita é uma cidade viável, eu não tenho dúvida nenhuma disso, Mesquita tem algumas características que são extremamente favoráveis que a cidade se desenvolva, que progrida, que ela cresça do ponto de vista social e econômico.

A arrecadação de Mesquita é uma arrecadação boa, inclusive, de recursos próprios, que não é uma característica normal dos municípios. Embora os municípios da região metropolitana tenham uma fatia, atraindo investimentos para cá. (.....) que gere impostos e que tenha impostos próprios, caso de ISS, aumento do IPVA, aumento do imposto de transmissão e também do próprio IPTU e de taxas de serviços de taxas, então hoje você tem uma

arrecadação de Mesquita em que pelo menos mais de 30% são de recursos próprios, isso, já teve município do estado que a média chegava a 20% de arrecadação própria e o restante é repasse, recursos que vêm de transferência, certamente do caso de ICMS, que é 25% do município, enfim, mas, além disso, Mesquita também tem um outro contorno, digamos assim, que facilita a nossa vida: é uma cidade pequena, tem uma população significativa,, adensamento populacional bastante razoável, e é uma cidade que tem, digamos assim, um conjunto de problemas que podem ser administrados e resolvidos num determinado tempo, quer dizer, não há nenhuma perspectiva futura de incerteza para Mesquita, tendo uma administração, tendo um governo que planeja, que seja pautado no planejamento. Você pode prever que daqui a 10 anos você, por exemplo, vai superar todos os problemas de saneamento básico da cidade ou daqui a 5 anos você vai dotar a cidade de equipamentos sociais que vem por exemplo ao encontro do atendimento básico excelente, então essa possibilidade poucos municípios têm, porque, porque tem ainda muitas áreas para se desenvolver, porque ainda tem..., são municípios maiores, enfim a população pode crescer de forma mais ainda significativa, enfim, Mesquita não, a gente tanto sabe que não vamos crescer muito, do ponto de vista populacional, como não vamos crescer muito do ponto de vista ecológico, não vamos crescer muito do ponto de vista de impedir outras coisas, mas a gente pode mais ou menos prever esse crescimento e planejar esse crescimento, inclusive, do ponto de vista da oferta de serviços à população. Então hoje eu sou um defensor ardoroso do potencial da cidade. Acho que Mesquita tem um potencial bastante significativo e o conjunto de problemas que nós temos são do tamanho da nossa, nosso município, nós não somos grandes, mas nós temos ainda mais de 50% do município sem saneamento, sem pavimentação, nós temos mais de 60% de área que é uma área de preservação ambiental, tem um potencial de exploração, exploração sustentada, nós temos uma facilidade de estarmos próximos a vários centros daqui da Baixada. Não somos um centro, não somos, essa é uma realidade, mas podemos transformar o que é hoje a nossa debilidade numa coisa que seja uma vantagem, justamente você reconhecer que hoje não oferecem muitos serviços no lugar, potencialidade, e você atrair para cá se valendo da possibilidade que você tem com essas outras regiões. Então por exemplo, só para dar um exemplo, eu acredito que muitas pessoas poderiam investir em Mesquita da mesma forma que investem na periferia de Nova Iguaçu, centro de Nova Iguaçu, nós somos praticamente periferia do centro de Nova Iguaçu, do tempo, do centro e centro não chega a 4 Km a distância do centro

de Nova Iguaçu ao centro de Mesquita, revelando aí, que isso é nada para quem quer fazer investimento, então para a pessoa decidir se vai montar a fábrica dele, vai montar o serviço dele em Mesquita ou não, ou não em Nova Iguaçu e não em Mesquita ou em Mesquita ou não em Nova Iguaçu. Ele precisa apenas de um estímulo, que isso para um governo que planeje, que seja ousado, que veja o desenvolvimento com mais visão mesmo, vai conseguir atrair,, investir, garantir investimento para cá, então eu acho que a emancipação foi boa, foi boa, o governo é ruim, mas o fato de a gente estar emancipado é bom, isso ainda possibilita, tem esse potencial grande, mas só continua um potencial, ainda não tem a materialização do desenvolvimento, não aconteceu, o contrário, eu acho que Mesquita pelo tempo de emancipação, 3 anos não é muito, mas dá para ter uma idéia do governo, toda a idéia do governo regrediu em muitos aspectos, muitos aspectos regrediu.

(FATIMA) – Tá certo, Artur, acho que você conversou bastante coisa, que vai ser bom para o nosso trabalho, eu só queria antes de terminar, perguntar para você, se você tem, você falou dos diferentes processos, das épocas de emancipação, você teve algumas pessoas que você considera importante no processo que seria bom que a gente também conversasse para indicar?

(ARTUR) – Sem dúvida, eu acho que, por exemplo, uma pessoa que era um dos, - um nome estranho, esse nome muito (.....), um nome barroco antigo, barroco assim, antigo, o Helio Amaral, chamou ele, dão uma reverência, fazem ele uma reverência, presta uma reverência que eu acho justo o seu Helio Amaral, ele já é falecido, a família dele caminhou com ele todo o processo, então ouvir os filhos dele, já tem uma certa idade, acompanharam esse processo, seria sem dúvida nenhuma muito interessante. Tem um professor também, que ele nos anos 80, ele teve um papel importante, inclusive no movimento comunitário ao lado do seu Regner,, que é o professor Ronaldo Renzetti, que foi dono do colégio Machado de Assis, que serviu como sede do Comitê de Emancipação num determinado período, antes de, nos anos 80 foi o Tênis Clube de Mesquita, mas antes no Colégio Machado de Assis ou na própria casa do seu Helio Amaral que era uma casa ao lado de onde hoje é a sede do PT, e a casa do lado era a casa do seu Helio Amaral, outra pessoa que acho importante.

(FATIMA) – O seu Ronaldo está vivo?

(ARTUR) – Tá vivo, tá vivo, Ranzetti está vivo. Ele é uma pessoa, acho que vale a pena ouvir sim, uma outra pessoa que também eu acho, que pra anos 80, processo dos anos 80, tem uma participação grande, já que seu Regner Trindade faleceu, é o seu Milton da Associação de Moradores de São Lucas, seu Milton, ele acompanhou todo processo junto ao Regner, ele tinha um carro de som, o seu Regner tinha umas cometas de som que botava no fusquinha dele e seu Milton também montou um carro de som. então era os dois carros de som da emancipação, que eles rodavam Mesquita inteiro nas associações de moradores, como movimento de mobilização, então é um outro corte de emancipação que foi interessante. Bem, além deles, aí, não sei se o seu Exedito Miguel, não sei se o seu Exedito Miguel, seu Exedito já tá, talvez a esposa dele Dona Maria, talvez sim, talvez a própria filha do Regner, a Marinês, a Marilourdes,, porque tem uma história que é interessante. O primeiro processo de emancipação quem dá entrada nele é o Jackson Trindade, que é uma figura, irmão do seu Regner, inclusive o Regner,, na época militar, avesso ao processo de participação popular de maior envolvimento, mas ele,, como o Jackson pediu ao Regner que tocasse esse movimento de emancipação (.....) e até uma certa referência, ao irmão dele, irmão mais velho, talvez, e o Jackson Trindade virou procurador da República e foi para Brasília, acho que mora em Brasília, não sei se é vivo também, mas ele foi morar em Brasília e não mais acompanhou o processo aqui, mas depois de muito tempo reformado, o seu Regner iniciou a tocar isso, tocar, reativando o processo de emancipação, então acho que de repente as filhas dele, sem dúvida nenhuma é interessante,, não sei se teria mais pessoas do ponto de vista do movimento é, é essas pessoas.

(FÁTIMA) – Você gostaria de falar mais alguma coisa, além disso?

(ARTUR) – Acho que fundamental, é que assim, que tem um elemento importante do último plebiscito, que foi o que aconteceu no dia da votação. Já tinha citado este caráter apoteótico de votação, um pouco nas ruas, efetivamente nas ruas, mas Mesquita foi utilizada como cobaia para o processo de votação eleitoral. Havia ocorrido em vários municípios no interior do Estado, a utilização das urnas eletrônicas, em muitos deles não alcançou os 50% mais um, e se atribuíam justamente a utilização da urna eletrônica, então em municípios pequenos com 10, dez mil

eleitores, quinze mil eleitores, às vezes com quatro, cinco ou sete mil eleitores a utilização da urna, não criou tantos problemas, quer dizer criaram, havia essa concentração de urnas em determinado local, no máximo duas, três, eram as pessoas que iam votar lá. No caso de Mesquita não, era uma população grande, muito grande, mais de cem mil eleitores e ou quase cem mil eleitores e aqui as urnas foram colocadas pelo TRE, mais preocupado em testar as urnas do que propriamente a votação. Então, tanto é que no dia da votação, vieram para cá,, veio para cá o Presidente do Tribunal, esqueci o nome dele agora, vou me lembrar, e diversos outros juízes, aqui, talvez nunca tenha havido concentração de tantos juízes como aconteceu aqui, justamente por causa dessa importância. Mesquita seria o primeiro município de porte, ao fazer a votação eletrônica, claro que era um processo plebiscitário! E para azar nosso e da justiça, muitas urnas apresentaram problemas ao longo do dia, muitas mesmo, e a boataria começou a correr na cidade, que o povo apertava o SIM e aparecia o NÃO, e que havia , ou seja, o povo começou a desconfiar da maquininha, a maquininha estava contra a emancipação. E lá, na apuração, iniciou a apuração quando o Dr. Dilson, juiz responsável, coordenador do processo aqui, juiz eleitoral, anunciou que não havia conseguido quorum, exatamente, o percentual. Houve uma frustração muito grande, eu estava lá dentro do Tênis na época, eu era vereador e tinha esse privilégio de poder estar lá dentro, acompanhar o processo de apuração, um pouco distante, porque não podia chegar perto, mas acompanhei o anúncio e o anúncio foi feito e eu praticamente fiquei emocionado, chorei pela derrota, porque quem viveu o dia da emancipação percebeu que havia um clamor popular, agora havia uma vontade do povo em relação à emancipação, e o resultado disso, dessa frustração, dessa notícia ruim, foi uma série de acontecimentos. Viraram o carro de som na praça de Mesquita, na época, o deputado estadual Luis Novaes, que foi identificado como contrário à emancipação, teve o carro, Kombi de som que estava estacionado na praça, viraram, criaram problemas com a Kombi dele. E fizeram uma outra coisa que foi na saída dos juízes eleitorais do Tênis Clube de Mesquita, onde ocorreu a apuração e foi feito o anúncio. Os juízes entraram no ônibus, ônibus do TRE, e o povo cercou o ônibus e fez o apedrejamento do ônibus. Esse foi um fato extremamente curioso, porque você apedrejar o ônibus dos juízes, tinha muitos juízes mesmo, inclusive um deles se machucou e apenas uma pessoa foi presa, e foi presa, detida pelo PM, soldado, e aquilo rendeu para a gente uma madrugada inteira na delegacia, porque a pessoa que foi presa, por azar meu, era uma pessoa da minha relação, meu conhecimento que eu gostava muito, não ia

deixá-lo sozinho lá, rapaz, um jovem que ficou detido a madrugada inteira e eu tive de ir ao Juiz, Dr. Dilson que tinha um apreço, uma consideração por mim, pelo PT, pela Cássia, minha esposa e nós dois fomos conversar com ele, e ele sempre solícito, eu muito nervoso, porque na cidade era o juiz eleitoral, coordenou o processo eleitoral. O grupo de juizes foram apedrejados por não ter aprovação. Aí ele veio até a gente - "Que é que vocês querem" ? - E quando a gente começou a falar sobre o que nós távamos querendo, nós távamos dizendo que a pessoa que foi presa, não podia ter nada a ver com aquilo porque era uma pessoa de bem, etc. etc. etc., conhecia a família toda, conhecia ele. Ele não aceitou os argumentos - "Vocês não podem falar isso, vocês não podem me pedir isso, é muito errado" - . Ele me pediu desculpas, o rapaz, ele ia ser punido porque um juiz estava nesse momento sendo medicado, foi apedrejado, fez um drama, dramatizou, enfim aí nós fomos para a delegacia e quando foi por volta de 1:30 h, 2 horas da manhã, o Dr. Dilson vai a delegacia e, mas, quando vejo o carro chegar entra um policial, eu me afasto para ele não me ver e outras pessoas também se afastam, mas algumas pessoas ficam próximas e ele chega no rapaz, passa um sabão nele, dá uma bronca grande nele, diz que fez um papel de moleque, não tinha noção do que tinha feito, ele até, mas ele fala assim - "Você tem sorte de ter gente que pediu para você, porque senão, você não saía nunca da cadeia, por você ferir um juiz, não sei que..., não sei que etc." - . O fato é que o juiz que foi ferido não foi à delegacia prestar queixa, então o delegado, ele disse - "Olha, sem vítima eu não posso autuar ele por nada, palavra dele que não fez, não jogou a pedra e não tem aqui ninguém com rosto quebrado, rachado, ferido, então, não posso" - e aí nós fizemos,, conseguimos que o escrivão fizesse um depoimento bastante tranquilo, dizendo que ele foi pego no tumulto, mas não havia arremessado pedra nenhuma e depois nunca mais deu nada para ele e o fato acabou sendo esquecido. Acho, o próprio juiz, a informação que eu tenho do juiz que foi ferido, de fato houve o juiz ferido, foi que disse que nunca mais queria vir à Mesquita, saiu no jornal isso, não queria mais vir à Baixada, foi um juiz da capital. Enfim, esses episódios todos que aconteceram na noite, fim de tarde, de início de noite, de baixo astral, foi um negócio pesado, clima tava pesado, havia o risco de você andar nas ruas, clima frustrado, gente bêbada, muita gente desolada mesmo, porque o processo morreu e a gente acabou ficando, me lembro que a gente ficou até o amanhecer o dia na delegacia. Então foi um dia muito marcante do ponto de vista do processo.